

# **A ARTE COMO MEDIAÇÃO NECESSÁRIA E POSSÍVEL AO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA**

**Isabel Cristina C. Lopes**  
**Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**e-mail:icrislopes@uol.com.br**

**RESUMO:** O presente artigo intenciona refletir, a partir da recorrência à ontologia social de Marx, a necessária mediação política da arte junto à construção histórica da emancipação humana, a partir de contextos da realidade capitalista. Esta intenção assenta-se na identificação da capacidade da práxis artística comportar em si uma dimensão política e pedagógica que sendo devidamente explorada possa caracterizá-la como uma mediação importante e possível aos processos de mudanças nas formas/conteúdos determinados pela lógica da propriedade privada e da divisão social do trabalho. Pretendemos debater tal possibilidade, considerando o potencial dos processos educativos formais e informais, que entrecortados por uma forma de intervenção orientada pela lógica da emancipação humana, mesmo nos marcos da democracia burguesa, num contexto de capitalismo reestruturado sob a égide da acumulação flexível e da ideologia neoliberal, podem promover significativas mudanças na dialética pensar e produzir o e no mundo do trabalho.

## Introdução

O presente artigo é resultado de breves aproximações a leituras acerca da concepção de arte e estética em Marx, ainda não suficientemente aprofundadas para fins de nossa pesquisa de doutorado<sup>1</sup>. Neste, intencionamos debater e refletir, a partir da recorrência à ontologia social de Marx, a mediação política que a experiência com a arte realiza enquanto uma expressão de práxis. O fazemos por entendermos que tal mediação fornece-nos elementos que podem contribuir para uma educação ético-política emancipatória.

Marx e Engels nunca elaboraram algum texto ou documento específico tratando suas concepções de estética e de arte. No entanto, trataram estas questões em vários e curtos textos que “vieram a constituir a base de numerosas tentativas, em particular nas últimas décadas, de produzir uma estética especificamente marxista” (BOTTOMORE,

---

<sup>1</sup> A pesquisa intitulada “A mediação da práxis artística aos processos educativos comprometidos com o paradigma da emancipação humana, no contexto capitalista brasileiro do século XXI, a partir da ontologia social de Marx”, está ainda em sua fase inicial e é realizada no Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social na PUC/São Paulo.

2001, P.138). É um exemplo o caso dos Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844, onde a arte ocupando lugar determinante e a estética, ainda numa forma embrionária, e a partir de uma visão antropológica, apontam a determinante presença da atividade humana no processo de automediação do humano junto à natureza.

Nos Manuscritos, a arte aparece relacionada ao trabalho enquanto uma extensão do mesmo, mas em relação ao qual mantém relativa autonomia e também aparece como contraponto ao trabalho estranhado.

As duas atividades – o trabalho e a arte – inserem-se nos processos das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais. (FREDERICO, 2005, p.14)

A arte em Marx é atividade prática, é práxis, que não está diretamente relacionada ao atendimento das necessidades imediatas de sobrevivência, como é o caso do trabalho. Mas atende necessidades espirituais de homens e mulheres, acordantes com o nível de desenvolvimento conquistado pelos mesmos no decorrer da história, no seu processo de humanização, ou seja, no processo através do qual as determinações naturais, sem deixar de se fazer presentes, adquirem cada vez menos espaço de determinação nas ações humanas.

Tal definição de arte vai ao encontro ao entendimento de estética em Marx, encontrada na sua elaboração de uma ontologia do ser de base materialista, histórica e dialética, manifesta, mesmo que de maneira ainda incompleta nos Manuscritos de 1844, e que fundamentará sua contraposição à idéia do belo como algo externo ao homem, como uma propriedade das coisas e não da produção dos homens.

A partir de tais concepções os sentidos humanos também adquirem valor importante e não somente a teoria. No entanto, a utilização dos mesmos é apreendida enquanto atividade que se desenvolve no decorrer da história e adquire formas específicas, condizentes com as orientações sociais que recebem e que são determinadas pelas formas com que os modos de produção se estruturam. O que Marx denomina humanização dos sentidos, portanto, depende da educação para tanto. O nível e a qualidade das expressões estéticas dos seres humanos condizem com o nível e a qualidade da educação que seus sentidos recebem.

Isto se faz confirmar em algumas passagens nos Manuscritos, onde ele afirma:

O sentido musical do homem só é acordado pela música. (...) Consequentemente os *sentidos* do homem social são *diferentes* dos do homem não-social. (...) O sentido encarcerado sob a grosseira necessidade prática possui unicamente um significado limitado. Para o homem que morre sob a fome, não existe a forma humana do alimento, mas só seu caráter abstrato como alimento. (MARX, 2001, p.143-44)

Neste artigo, utilizando-nos *basicamente* do conteúdo dos Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844, queremos discutir a contribuição que a concepção de arte elaborada por Marx e Engels oferece ao trabalho de desconstrução da subjetivação da lógica da propriedade privada e seus desdobramentos no mundo do trabalho.

### **A mediação da arte na educação para a crítica ao capitalismo e defesa da emancipação humana**

Entendemos que a medição política da arte encontra-se no processo de despertar dos sentidos dos seres humanos para o belo, que através, por exemplo, da música, da dança, da literatura e da pintura, possibilita um encontro com a dimensão humano genérica, presente em todos os indivíduos, dissolvendo um pouco a fragmentação da vida cotidiana. Isto porque na contemplação de obras artísticas, o ser humano transcende o nível da imediatez e depara-se com as emoções de seu criador ou criadora e também com as suas próprias emoções, depara-se com expressões culturais de grupos sociais e tenta compreendê-las, justificá-las às vezes, e isto provoca encontro, troca, enriquecimento no seu universo subjetivo, gerando maior sentimento de inteireza.

No entanto, se “[os] sentidos humanos estão interligados não apenas uns com os outros, mas também cada um deles com todas as outras potências humanas, inclusive, é claro [com] o poder de raciocínio” (MÉSZÁROS, 2007, p.182), interessa-nos aqui outro componente desta mediação que é a utilização da capacidade criativa do ser humano na produção de algum bem, que em princípio, estará atendendo sua necessidade espiritual de criar, visto que o ser social é ser ontocriativo, e o processo de livre criação presente na arte “não depende de uma necessidade natural ou de uma obrigação social” (Kosik, 1976, p. 189).

Criando, o indivíduo expressa sua forma estética de olhar o mundo. Sendo que em condições muito alienadoras da essência humana, onde o homem não é o principal valor social, como é na forma de realização do trabalho no capitalismo, é quase não

identificável esta capacidade, assim como o seu reconhecimento pelo seu sujeito através do que produziu.

A ação da criação artística favorece esta identificação de forma mais clara, favorece também a percepção do grau de universalidade presente nesta forma de produzir, o nível de liberdade presente nela, assim como favorece também a socialização das formas próprias (mesmo que não absolutamente próprias) de olhar e entender o mundo. Isto é possível porque a arte é uma das esferas de objetivação do ser social “que se autonomizaram das exigências imediatas do trabalho” (NETTO, 2006, pag. 43). Desta forma é mediação de base ontológica do ser que traz em si características essenciais do processo de trabalho não estranhado, ou seja, em sua forma universal. Isto a potencializa à condução de momentos de reflexão sobre as formas mecânicas, fragmentadas e superficiais que se hegemonizam em atendimento às exigências de um modelo de produção que tem na mercadoria e no seu processo de distribuição/consumo seu valor principal.

Quando falamos de mediação política realizada pela arte, através de dinâmicas educativas formais ou não, temos claro que tal relação não é mecânica, visto ser mediada pelo uso dos sentidos humanos, articulado à razão, ou seja, a uma cultura do belo (seja a hegemônica ou não)/a uma concepção estética e construção de um espaço e tempo (externos e internos) que garantam uma suspensão do domínio da rotina cotidiana.

Também temos claro que a experiência com a arte por si só não educa para o desenvolvimento de uma posição política. A experiência de contemplar ou produzir arte interfere no universo subjetivo e objetivo dos seres na sua lida com o cotidiano, portanto, tem dimensão política e educativa, assim como potencialidade de desenvolvimento nos seus sujeitos/objetos de um olhar duvidoso, mais questionador e até mais crítico sobre a realidade que os circunda, podendo alçá-lo até mesmo à compreensão e defesa de uma condição humana de vida mais radicalmente emancipada. Mas para tanto outras práticas devem ser articuladas à prática artística.

Ao nos referirmos a outras práticas queremos mencionar a prática reflexiva com direção política definida, que se apropria do espaço e tempo que a experiência com a arte oferece e do refinamento dos sentidos que ela realiza. Destacamos este último, ou seja, o refinamento dos sentidos, como um elemento extremamente importante na elaboração de uma leitura crítica (portanto não maniqueísta) sobre modelos políticos e econômicos opressores e suas formas capilares de manifestações, assim como no

entendimento da necessidade e possibilidades de construção da utopia da emancipação humana, a partir das contradições que a dinâmica capitalista engendra e em nome da resistência às formas de degradação humana que tal sistema já implementa e as que tem destinado para futuros imediatos e mais longínquos.

A práxis artística também oferece ao trabalho político pedagógico para o pensar para além do capitalismo, a experiência da produção em marcos valorativos onde o valor de uso ocupa lugar prioritário junto ao valor de troca.

Diante do exposto temos que a práxis artística fornece ricos elementos à uma educação crítica ao capitalismo, como o investimento na humanização dos sentidos do homem, necessária à sensibilização do mesmo para uma outra maneira de pensar a riqueza da humanidade e a experiência concreta de produção em moldes mais preñes de sentido e significados humanos. E como complemento a este processo apontamos a necessidade da ação reflexiva sobre os mesmos.

Se é certo que a experiência educativa propriamente dita não se realiza pela via da práxis artística somente, é certo que nela encontramos bases e por ela desenvolvemos estruturas subjetivas com capacidade de auxiliar uma ação educativa que tanto pode estimular o indivíduo a pensar o mundo, quanto por consequência agir sobre este de maneira a manter intocáveis suas bases de sustentação ou tentar provocar mudanças nas mesmas.

Nosso interesse em nossa pesquisa é pela segunda opção, quer dizer, a relativa à motivação a mudanças na realidade. Ele assenta-se no fato de que a história da humanidade constrói-se pela ação processual e dialética do ser social, sobre bases materiais que são transformadas para o atendimento das variadas necessidades deste ser. Tal ser é compreendido enquanto ontocriativo, ou seja, ser que se autodetermina pela práxis, através de sua principal manifestação que é o trabalho.

Estas necessidades são transformadas pelos sistemas econômicos em demandas articuladas à lógica hegemônica que os estruturam e definem. Pela forma capitalista de organização social as necessidades mais profundas dos humanos são reificadas através do fetiche da mercadoria.

Desta forma, este ser vê-se no seu processo de devir histórico, realizando um mundo que não vai ao encontro do atendimento destas suas necessidades, das quais se encontra alienado.

No lugar de todos os sentidos físicos e espirituais, colocou-se, portanto, pura e simplesmente, a alienação de todos estes sentidos, substituídos pelo sentido do possuir. A esta absoluta pobreza precisou ser reduzido o ser humano para que ele pudesse engendrar dentro de si mesmo a sua riqueza íntima. (MARX, 2004, p. 108-109)

Como este processo não é absoluto, nem unilateral, mas sim permeado por contradições e, portanto de possibilidades e manifestação de sua negação, torna-se necessário às ações de resistência política, desenvolverem e adensarem iniciativas que explorem este potencial de negação, gerado pelo descontentamento ao atendimento, por parte do capitalismo (sistema aqui em questão), de necessidades materiais e espirituais que possibilitem ao indivíduo o encontro com sua dimensão humana, ou seja, sua dimensão humano-genérica e desta maneira alçar-se a um nível de maior plenitude em relação à vida.

Concebida a partir desta base teórica a arte é apreendida enquanto objetivação humana que se realiza fora do círculo imediato do trabalho, que a partir da concepção de estética originada da ontologia aqui considerada, não envolve neutralidade diante dos fenômenos sociais. Ou seja, a subjetividade do sujeito na experiência com a arte, manifesta-se exprimindo suas formas particulares de ler o mundo. Esta manifestação reflete a dialética da essência e do fenômeno, considerada um dos problemas centrais da concepção estética marxista, tratada com o entendimento “de que ambos são igualmente momentos da realidade objetiva, produzidos pela realidade e não pela consciência humana” (LUKÁCS, 2009, p. 104).

Em coerência com a defesa desta dialética, o marxismo “procura a essência no fenômeno e o fenômeno na relação orgânica com a essência.” (LUKÁCS, 2009, p. 109), não de forma linear e definitiva, mas processual, contextualizada, através de aproximações gradativas da totalidade da realidade em suas expressões universais e particulares.

Este procedimento acentua a profundidade na forma de olhar a realidade. Como nos fala Vazquez (2007)

A criação artística não admite esta separação entre o interior (esfera propriamente estética) e o exterior (esfera extra-estética), porque, como em todo processo prático criador, não cabe distinguir gestação interna e execução externa, pela simples razão de que a própria execução já é a unidade entre interior e exterior, entre subjetivo e objetivo. (p. 256)

(...) Não se trata de dois planos que se unam por laços meramente externos, mas sim de dois aspectos de um mesmo processo intimamente entrelaçados. Desse modo, a consciência se vê obrigada a estar constantemente ativa, peregrinando do interior ao exterior, do ideal ao material, com o que ao longo do processo prático se vai aprofundando cada vez mais a distância entre o modelo ideal (ou resultado prefigurado) e o produto (resultado definitivo e real). Isto introduz no processo, com relação ao modelo ideal, uma carga de incerteza ou indeterminação (...) que é exatamente a característica de toda verdadeira criação (Ibid. p. 249-51).

Considerando, que em essência, o fundamento de toda a realidade social é a prática criadora do homem em sua principal forma de exposição que é o trabalho, fica claro que é atribuído pelo marxismo grau de suma importância à energia criadora e à ação do sujeito no desenvolvimento da história.

Diante desta constatação é apresentado nos Manuscritos Econômico-Filosóficos:

Somente pela riqueza objetivamente explicitada da essência humana pode ser em parte aperfeiçoada e em parte criada a riqueza da sensibilidade subjetiva *humana*. Isto é: um ouvido musical, um olho capaz de colher a beleza da forma; em suma, *sentidos* pela primeira vez capacitados para um desfrute humano, sentidos que se afirmam como faculdades essenciais do *homem*.

Portanto, a objetivação da essência humana, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista prático, é necessária tanto para tornar *humanos* os sentidos do homem como para criar um *sentido humano adequado* à inteira riqueza da essência humana e natural. (Marx, 2004, p.110-111)

Sendo assim, o processo universal realizado pelo trabalho, que caracteriza a humanidade dos sujeitos homens e mulheres e do qual se vêem alienados, torna-se sensível e experimentalmente acessível.

Mas para que tal realidade não se caracterize somente enquanto momentos esporádicos e se transforme em forma estrutural de uma nova dinâmica social, é necessário inicialmente o questionamento do modelo que impossibilita esta nova configuração das relações sociais. Estamos falando da crítica sobre a propriedade privada, sua lógica e seus desdobramentos para os seres humanos.

Sobre isto afirma Marx:

A eliminação positiva da *propriedade privada*, tal como a apropriação da vida *humana*, constitui portanto a eliminação positiva de toda alienação, o regresso do homem a partir da religião, da família, do Estado, etc., à sua existência *humana*, ou seja, *social*. (...) [Esta] não deve considerar-se apenas no sentido do ter. (...) [mas sim] a *emancipação* total de todos os sentidos e qualidades humanas. (MARX, 2001, p. 139; 141; 142)

Embasados no marxismo partimos do princípio de que sendo a propriedade privada o pilar principal do modelo de acumulação capitalista, cuja lógica determinante configura-se na exploração da mais-valia e sendo sua eliminação ação primordial na desconstrução da referida lógica, mediações voltadas à construção de uma história humana mais emancipada, nos moldes da emancipação humana defendida por Marx, devem ser identificadas e utilizadas, de forma que possam promover significativas mudanças na dialética pensar e produzir o mundo do trabalho.

Se para a conquista de tal nível de amadurecimento dos homens e das mulheres se faz imperativo a construção de um olhar de uma teleologia crítica de viés revolucionário, é certo ter que construir junto a estes mesmos, necessidades sociais, políticas, culturais que os movimentem, que os motivem a este nível de projeção sobre a vida.

No entanto, como expressão da relação capital, trabalho e propriedade privada e da divisão social do trabalho no capitalismo, é seguro afirmarmos, principalmente nos dias atuais, que o nível de alienação dos indivíduos de si mesmos enquanto humanos, é algo que tem que ser aprofundado de tal maneira que fica difícil imaginar pessoas interessadas e crentes na possibilidade de uma existência concreta cujo ser social afirme-se radicalmente ontocriativo.

A experiência da produção traz em si uma pedagogia que se realiza através da relação desta com outras experiências. Ou seja, a mediação que o processo de produção de um bem (material ou não) realiza na educação do sujeito produtor é apreendida em sua totalidade imediata e mediata.

A práxis artística além de ser uma forma de expressão de particularidades, possibilita também o exercício de uma forma de produzir cheia de sentidos e significados humanos, além do fato de que sendo um tipo de atividade que proporciona prazer aos sentidos humanos e estar relacionada à idéia do lazer torna-se elemento facilitador de mobilização dos indivíduos.

## Considerações Finais

A desconstrução de uma consciência alienada em relação à dimensão humano-genérica do ser demanda um conhecimento das formas particulares de expressão desta alienação, cuja base determinante é a forma de trabalho na sociedade capitalista.

No entanto, demanda também uma recorrência a experiências com uma forma de produção, não assentada nos pressupostos da divisão social do trabalho, da propriedade privada, da mais – valia, onde o homem perceba a dimensão universal do trabalho e portanto, do ser humano.

Vivenciar com intensidade e constância aproximações com a dimensão humano-genérica pode possibilitar ao indivíduo desenvolver um olhar mais crítico sobre os limites estabelecidos a esta manifestação. Por isto, afirmamos a partir de Marx, que o exercício da criatividade fora dos marcos da forma mercadoria pode possibilitar a construção de teleologias de cunho mais revolucionário.

A nosso ver, a arte concebida a partir de Marx e de sua estética é uma importante mediação no processo de enfrentamento de formas de alienação capitalista. Como já mencionamos, porque a arte como uma forma de objetivação da dimensão humano-genérica expressa também uma dimensão ontológica do trabalho humano, que é a criatividade, possível pela capacidade de pôr teleológico do indivíduo. Como tais características humanas são alienadas do homem dentro da pedagogia política que vivencia através de sua experiência junto ao processo de produção, nas fábricas, nas indústrias, nos escritórios a experiência com a atividade artística pode ajudar no resgate de tal dimensão.

Sua necessidade, portanto, está relacionada à forma que adquire de resistência e recuperação do processo de degradação que é realizado na subjetividade do trabalhador/trabalhadora, que não se apropriam da riqueza humanamente humana, para desejar a apropriação da riqueza que é produzida por eles, mas se volta contra os mesmos, no sentido de afastá-los de sua humanidade e transformá-los em mercadoria de produção e consumo.

Bibliografia:

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001,

BARROCO, M<sup>a</sup> Lúcia. *Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2008.

FREDERICO, Celso. *A arte em Marx: um estudo sobre Os manuscritos econômico filosóficos*. Revista Novos Rumos, ano 20, n<sup>o</sup> 42, 2005.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, György. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: *Arte e sociedade: Escritos estéticos 1932-1967*. UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.

MARX, Karl. *A questão judaica*. 5<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Centauro, 2000.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHAFF, Adam. A concepção marxista do indivíduo. In: *Moral e Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SEMERARO, Giovanni. O pensamento crítico e a originalidade política de um marxista criativo. In: JR, Armando Boito et al. *A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações*. São Paulo: Xamã, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a Democracia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

TONET, Ivo. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.